

# A influência do aspecto lexical na aquisição da morfologia verbal do português como L2

---

Ingrid Finger<sup>\*</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mônica Marques Gonçalves<sup>\*\*</sup>

Eliane Rauber Spuldaro<sup>\*\*\*</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul

## Resumo

Um experimento envolvendo dados de produção espontânea de quatro aprendizes de português como L2 foi desenvolvido visando verificar as predições da Hipótese da Primazia do Aspecto, segundo a qual o aspecto inerente dos verbos governa a aquisição da morfologia verbal em L2.

**Palavras-chave:** aspecto lexical; morfologia verbal; português como L2.

## Abstract

An experiment involving data of spontaneous production of four learners of Portuguese as L2 was developed aiming to verify the predictions of the Hypothesis of the Priority of the Aspect, according to which the inherent aspect of the verbs governs the acquisition of the verbal morphology in L2.

**Key words:** lexical aspect; verbal morphology; Portuguese as L2.

## Résumé

Une expérience qu'enveloppe les données de production spontanée de quatre apprentis de portugais comme L 2 a été développée, en visant vérifier les prédictions de l' Hypothèse de la Primazie de l' aspect, à propos de quoi l'aspect inerent des verbes gouverne l'aquisition de la morphologie verbal en L2.

**Mots-clé:** aspect lexical; morphologie verbal; portugais comme L2.

---

<sup>\*</sup> Professor Adjunto I da UFRGS (Departamento de Línguas Modernas e PPG Letras). Possui Mestrado e Doutorado em Letras pela PUCRS (1995/2000), tendo realizado estágio doutorado-sanduíche na City University of New York CUNY (1998).

<sup>\*\*</sup> Graduada em Letras (Licenciatura Plena Português e Inglês) pela Universidade Católica de Pelotas (2005).

<sup>\*\*\*</sup> Mestra pela Universidade Católica de Pelotas

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo investigar a influência do aspecto lexical inerente aos predicados nas escolhas morfológicas que os aprendizes fazem para marcar distinções de tempo e aspecto gramatical, através de um estudo envolvendo um grupo de cinco falantes nativos de Inglês aprendendo Português como L2. Em particular, investigamos a chamada Hipótese da Primazia do Aspecto, segundo a qual todos os indivíduos, tanto em contextos de aquisição de L1 como de L2, seguem determinados princípios universais na aquisição da morfologia verbal (Andersen & Shirai 1994; 1996; Bardovi-Harlig 1994; 1998; entre outros).

### Propriedades dos verbos: Aspecto X Tempo

Tanto aspecto quanto tempo são noções que se referem à temporalidade dos eventos, porém, sob diferentes perspectivas. O tempo é a categoria gramatical dêitica que localiza os eventos na linha temporal, os quais podem ser “anteriores” (passado), “simultâneos” (presente) ou “posteriores” (futuro) ao momento da enunciação. Oliveira (2003), citando Reinchenbach (1947), diz que a localização temporal é relativa e há três momentos essenciais: o ponto da fala que coincide com o momento da fala (ou da enunciação), o ponto do evento, que diz respeito ao tempo do acontecimento descrito pela frase e o ponto de referência que serve como ponto intermediário a partir do qual se pode situar o evento (ou estado) descrito.

- (a) Maria vive no Porto.
- (b) O Pedro saiu.
- (c) O Pedro tinha saído quando a Maria telefonou.

Em (a), a situação descrita se sobrepõe ao tempo da fala, considerando-se que os três pontos são coincidentes; em (b), a saída do Pedro ocorre num tempo passado e por isso o ponto do evento é anterior ao tempo da fala, enquanto que em (c), as situações descritas nas duas orações são anteriores ao momento da fala, mas a saída do Pedro é também anterior ao telefonema da Maria, o que faz com que a oração temporal funcione como um ponto de referência.

O aspecto, por outro lado, é uma categoria não-dêitica que marca a duração de um determinado evento ou as fases pelas quais passa. O aspecto ocupa-se do tempo como uma propriedade inerente ou interna ao próprio evento: mostra como o evento ocorre ou como se distribui no tempo, sem fazer referência ao momento da fala.

- (d) Laura está dormindo.
- (e) Laura estava dormindo.
- (f) Laura dormiu.

Sentenças como (d) e (e) revelam uma diferença temporal em que os verbos *está* e *estava* são usados para contrastar a diferença entre os dois eventos em relação a um centro dêitico (presente e passado). Por outro lado, as sentenças (e) e (f) apresentam uma diferença aspectual: a primeira sentença vê a situação como um conjunto de fases internas (imperfectivo), enquanto que a segunda refere-se a um evento completo (perfectivo).

### **Tipos de aspecto**

De acordo com Andersen (1989; 1991) e Comrie (1976), há dois tipos de aspecto: o aspecto lexical e o aspecto gramatical. Os dois são independentes, mas interagem nas línguas. O aspecto gramatical envolve distinções semânticas que são codificadas através do uso de dispositivos lingüísticos explícitos, tais quais verbos auxiliares e morfemas flexionais. Por outro lado, o aspecto lexical refere-se às propriedades aspectuais inerentes do núcleo do verbo e outros itens lexicais empregados pelos falantes para descrever uma dada situação. É independente da referência do tempo e de qualquer marca morfológica. Assim, *caminhar/walk* é inerentemente durativo, enquanto que *acreditar/believe* é inerentemente um verbo de estado.

Elena de Miguel (1999) aponta para o fato de que o aspecto é relacionado aos predicados, não somente aos verbos. Um sintagma nominal de plural não encabeçado por determinantes, por exemplo, pode transformar um evento delimitado em um evento aberto. É o caso de *construir uma casa* em oposição a *construir casas*.

De acordo com Oliveira (2003), uma importante distinção a ser feita é entre eventos e estados tendo por base a diferença entre situações que são dinâmicas (os eventos) e situações que não o são (os estados).

O aspecto gramatical (AG) refere-se às diferentes formas de olhar para a constituição interna de uma ação. É codificado através do uso de dispositivos lingüísticos explícitos. Existem várias classificações de AG, mas aqui adotamos a de (Comrie 1976) que divide aspecto gramatical em perfectivo e imperfectivo.

O perfectivo apresenta a situação como um todo contido em si mesmo, completo, sem distinguir sua estrutura interna. Os eventos apresentados no perfectivo são fechados em termos de informação, ou seja, uma sentença no perfectivo normalmente apresenta tanto o ponto inicial quanto o ponto final de uma situação, desconsiderando sua estrutura interna, como é o caso em (g) em que o evento iniciou, terminou e o resultado é uma carta.

(g) Nicole escreveu uma carta.

Enquanto que no perfectivo enfatizamos o fato de a situação estar encerrada, terminada, no imperfectivo estamos justamente focando a idéia de que há fases internas, sem especificar o começo ou o fim, dando enfoque a algum estágio interno de um evento inacabado. É o caso da sentença (h), a qual indica que a ação de *escrever* estava em progresso em algum momento do passado, mas não indica quando ela começou ou quando terminou.

(h) Nicole escrevia uma carta.

Por outro lado, o aspecto lexical é uma propriedade inerente ao verbo, faz parte de sua estrutura, independente do tempo de referência ou marcação morfológica.

É grande o número de autores que tratam do aspecto lexical, portanto várias classificações são encontradas na literatura. Um dos primeiros pesquisadores que investigou o aspecto lexical foi Vendler (1957), que o divide em quatro categorias semânticas: verbos de estados (*statives*), atividades (*activities*), processos culminados (*accomplishments*) e culminações (*achievements*).

Estados são verbos que descrevem eventos atéticos que não possuem dinâmica interna nem duração definida, necessitando de algum agente externo para mudar o estado e não admitindo qualquer pausa (intervalo) no todo homogêneo. Por exemplo:

*possuir algo, acreditar em alguém, amar, ser careca, estar doente, ser saudável, saber, ser frio, ser quente, conhecer...*

Atividades são verbos que descrevem processos dinâmicos e atéticos, ou seja, o final da ação não é intrínseco ao verbo e a ação, em si, pode durar para sempre; a atividade não termina, mas cessa, pára (o ponto final é decidido por alguém ou alguma coisa, portanto, arbitrário). Os verbos de atividade admitem pequenos intervalos na atividade sem que isso ponha em causa o próprio processo. Numa frase como *Ele trabalhou o dia todo*, a existência de pequenos lapsos de tempo em que ele não trabalhou não impede a leitura de *trabalhar* como um processo. Portanto, pode-se dizer que as atividades terminam, se completam ou param com a possibilidade de voltar e seguir fazendo. São exemplos de atividades:

*caminhar no parque, nadar, cantar, falar, andar de bicicleta, escrever cartas, correr na avenida...*

Processos culminados (*accomplishments*) são verbos com duração intrínseca, com estágios sucessivos e um ponto de culminância, que representa a finalização do processo com uma mudança de estado. Por exemplo:

*fazer um bolo, desenhar uma gravura, ler um livro, beber um copo de vinho, comer uma maçã, construir uma casa...*

Culminações (*achievements*) são verbos que descrevem eventos instantâneos e não possuem estágios. Opõem-se aos processos culminados por referirem-se ao desfecho da ação e não ao processo inteiro. Por exemplo:

*encontrar alguém, abrir a porta, perder alguma coisa, iniciar algo, reconhecer alguém, alcançar o topo...*

## **A Hipótese da Primazia do Aspecto**

A Hipótese da Primazia do Aspecto, apresentada abaixo em uma de suas formulações mais recentes (Andersen; Shirai 1996), foi inicialmente desenvolvida por Bloom *et al.* (1980) e Andersen (1989; 1991). Baseada na classificação de Vendler (1957), em nível de descrição, a hipótese prevê as seguintes seqüências para o aparecimento da morfologia verbal no processo de aquisição:

1. Inicialmente, os aprendizes usam marcação de perfectivo com verbos de culminações e de processos culminados, eventualmente estendendo seu uso para atividades e verbos de estado.
2. Em línguas que codificam a distinção perfectivo-imperfectivo, o passado imperfectivo aparece depois do passado perfectivo, e a marcação do imperfectivo inicia-se com verbos de estado e atividades, somente depois se estendendo a processos culminados e culminações.
3. Em línguas que possuem o aspecto progressivo, a marcação do progressivo inicia-se com verbos de atividade, para depois se estender a processos culminados e culminações.
4. A marcação de progressivo não é incorretamente associada a verbos de estado (Andersen & Shirai 1996:533).

### **Hipóteses**

Como vimos, segundo a Hipótese da Primazia do Aspecto, quatro são as seqüências de aquisição da morfologia verbal no caso do Português como L2. O presente estudo se detém nas duas primeiras hipóteses, pois não é nosso objetivo analisar a marcação do aspecto progressivo.

### **Estudo**

#### **1. Participantes**

Um total de quatro falantes nativos de inglês aprendendo português como L2 colaboraram na condição de voluntários na coleta de dados. Todos os sujeitos são adolescentes que participam de um

programa de intercâmbio do Rotary do Brasil. Pela própria característica do programa, os estudantes situam-se numa faixa etária que varia de dezesseis a dezenove anos de idade, sendo todos alunos regulares de escolas de Ensino Médio brasileiras. Todos vivem no Brasil de sete a dez meses, na condição de membros de famílias brasileiras, as quais são orientadas para manterem comunicação com os intercambistas em língua portuguesa para acelerar o processo de aquisição do idioma.

## **2. Coleta de dados**

Foi gravada uma entrevista com cada um dos cinco sujeitos. Os dados foram transcritos e analisados de forma quantitativa e qualitativa. A fim de determinarmos o número de ocorrências de cada tipo de verbo e tempo verbal, fizemos, inicialmente, um levantamento dos contextos obrigatórios em que os falantes utilizaram os tempos verbais. A seguir, cada ocorrência – correta ou incorreta – foi contabilizada e classificada de acordo com os tipos de aspecto lexical dos verbos.

## **Resultados**

É importante observar que, em todas as entrevistas, houve um número expressivamente maior de ocorrências do Pretérito Imperfeito do que do Pretérito Perfeito. Isso ocorreu devido ao direcionamento dado pela pesquisadora durante a entrevista, em todos os casos, com a intenção de forçar o uso desse tempo verbal que, normalmente, é evitado pelos aprendizes.

Na Tabela 1 abaixo, apresentamos os resultados da análise das transcrições tendo como base os contextos obrigatórios, ou seja, todas as situações nas entrevistas em que formas verbais dos tempos Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito deveriam ter sido empregadas (segunda coluna) associadas a cada um dos quatro tipos de verbos que foram analisados aqui (primeira coluna). Na terceira coluna, apresentamos os números totais de acertos seguidos dos percentuais a partir dos contextos obrigatórios. Por exemplo, vemos que o sujeito 01 produziu 08 situações — contextos obrigatórios — em que o Pretérito Perfeito deveria ter sido usado e 87 situações — contextos obrigatórios — nas quais o Pretérito

Imperfeito era necessário. De todos esses contextos, o sujeito produziu 4 usos corretos de Pretérito Perfeito (50%) e 81 (93,10%) usos corretos de Pretérito Imperfeito — desses 81 casos, 79 foram de uso correto de tempo verbal e concordância e 2 de emprego correto do tempo verbal embora a concordância não fosse a esperada (usos como, por exemplo, *nós acreditava*).

Tabela 1 – Análise dos dados das transcrições

Tipos de verbos / sujeitos	Contexto obrigatório		(+) aspecto (+) concordância/ (+) aspecto (-) concordância			
	Perf	Imperf	Perf (acertos)	Perf %	Imperf (acertos)	Imperf %
Estados – 01	8	87	4	50%	79 + 2	93,10%
Estados – 02	5	17	4	80%	4	23,50%
Estados – 03	8	9	7	87,50%	0	11,10%
Estados – 04	0	3	0	100%	1	0
<b>Total estados</b>	<b>21</b>	<b>116</b>	<b>15</b>		<b>86</b>	
Ativ. – 01	18	26	18	77,7%	10	38,40%
Ativ. – 02	9	7	7	75%	1	14,30%
Ativ. – 03	4	15	3+1	100%	2	13,30%
Ativ. – 04	0	8	0	0	0	0
<b>Total atividades</b>	<b>31</b>	<b>56</b>	<b>29</b>		<b>13</b>	
Accompl. – 01	7	9	5+2	100%	1+1	22,20%
Accompl. – 02	1	5	1	100%	1	20%
Accompl. – 03	0	4	0	0	0	0
Accompl. – 04	0	8	0	0	0	0
<b>Total accompl.</b>	<b>8</b>	<b>26</b>	<b>8</b>		<b>3</b>	
Achiev. – 01	14	5	10+1	78,50%	0	0
Achiev. – 02	5	4	3+2	100%	0	0
Achiev. – 03	1	3	0	0	0	0
Achiev. – 04	0	4	0	0	0	0
<b>Total ach.</b>	<b>20</b>	<b>16</b>	<b>16</b>		<b>0</b>	



Quanto à previsão de que a marcação do perfectivo é adquirida antes da marcação do imperfectivo, nos foi possível perceber que o percentual de acertos foi, de fato, expressivamente maior no caso do perfectivo, com exceção de um sujeito (sujeito 01). Vale ressaltar que esse sujeito produziu menos contextos obrigatórios nos quais era necessário o uso do Pretérito Imperfeito do que contextos em que o Pretérito Perfeito deveria ser usado. Isso pode ter sido responsável por termos encontrado, na fala desse indivíduo, um índice menor de acertos no perfectivo, fato que contrasta com os resultados encontrados na fala dos outros sujeitos.

A Hipótese da Primazia do Aspecto também prevê que a marcação do imperfectivo inicia-se com verbos de estado e atividades, somente depois se estendendo a processos culminados e culminações. Em nossa análise, observamos que essa previsão foi totalmente confirmada, no sentido de que o número de acertos em sentenças envolvendo verbos de estado e atividades foi muito maior do que no caso dos outros verbos — *accomplishments* ou processos culminados e *achievements* ou culminações. Entretanto, salientamos que o número de ocorrências em termos de contextos obrigatórios foi maior para os dois primeiros grupos de verbos, o que pode ser considerado uma influência nesse resultado.

Além disso, esperávamos que os aprendizes investigados usassem marcação de perfectivo com verbos de culminações e de processos culminados com um maior percentual de acertos do que com os outros tipos de verbos. Observamos que essa previsão não foi totalmente confirmada uma vez que houve variação significativa nas respostas dadas pelos sujeitos entrevistados.

### **Conclusão**

Finalmente, os resultados a que chegamos neste estudo demonstram que, embora as previsões feitas pela Hipótese da Primazia do Aspecto não tenham sido necessariamente confirmadas no caso dos sujeitos analisados aqui, não podemos negar o importante papel desempenhado pelo aspecto lexical inerente aos verbos na aquisição da morfologia verbal durante os estágios de interlíngua.

Além disso, mantemos que são necessárias descrições e explicações mais detalhadas e cuidadosas de como os aspectos lexical e gramatical são realizados em português, bem como uma caracterização adicional dos seus padrões de interação, para que possamos verificar em que medida a distribuição da morfologia verbal em L2 é realmente guiada pelos traços aspectuais inerentes aos predicados nos estágios iniciais da aquisição.

### Referência Bibliográfica

- ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. 1994. Discourse motivations for some cognitive acquisition principles. In: *Studies in Second Language Acquisition*, v. 16, p. 133-156.
- \_\_\_\_\_. 1996. Primacy of aspect in first and second language acquisition: The pidgin/creole connection. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. (Eds.). *Handbook of second language acquisition*. V.2. San Diego, CA: Academic Press.
- BARDOVI-HARLIG, K. 1994. Reverse-order reports and the acquisition of tense: beyond the principle of chronological order. *Language Learning*, v. 44, n.2, p.243-282.
- \_\_\_\_\_. 1998. Narrative structure and lexical aspect: conspiring factors in second language acquisition of tense-aspect morphology. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 20, p. 471-508.
- BLOOM, L.; LIFTER, K.; HAFITZ, J. 1980. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. *Language*, v. 56, p.386-412.
- CAMPOS, Odete et al. 1996. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: Formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito do indicativo. In: CASTILHO, Ataliba; BASÍLIO, M. (Orgs.) *Gramática do português falado. Volume IV: Estudos descritivos*: Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, p. 25-62.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- COSTA, S. B. B. 1997. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto.
- DE VAL, Manuel Criado. 1992. El verbo. In: —. *La imagen del tiempo: Verbo y relatividade*. Madrid: Ediciones Istmo, SA, p. 25-49.

- DUARTE, Inês; BRITO, Ana Maria. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 179-203.
- FINGER, Ingrid. 2000. *Acquisition of L2 English verb morphology: the aspect hypothesis tested*. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Letras), Instituto de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- ILARI, Rodolfo. 1997. A expressão da duração. In: *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, p. 38-50.
- \_\_\_\_\_. 2001. Aspecto. In: *Introdução à Semântica*. São Paulo: Contexto, p. 19-50.
- LEIRIA, ISABEL. 1994. Aquisição do aspecto verbal por falantes não-nativos de português europeu: o exemplo dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito. In: *Revista Internacional de língua portuguesa*, nº 11, p. 74-112.
- MIGUEL, Elena de. 1999. El aspecto léxico. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Volume 2: Las construcciones sintácticas fundamentales; relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa Calpe, SA.
- MONTRUL, Silvina; SLABAKOVA, Roumyama. 2002. Acquiring semantic properties of preterite and imperfective tenses in L2 Spanish. In: *Proceedings of the 24<sup>th</sup> Annual Boston University Conference on Language Development*, vol 1. Sommerville, MA: Cascadilla Press.
- OLIVEIRA, Fátima et al. 2003. Tempo e aspecto. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 127-177.
- SMITH, Carlota. 1983. A theory of aspectual choice. *Language*, v.59, p. 479-501.
- \_\_\_\_\_. 1997. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer.
- VENDLER, Zeno. 1957. Verbs and times. In: *Philosophical Review*, v. 66, p.143-160.